

APRESENTAÇÃO

Chega à sua tela de computador o primeiro número da **Boitatá - Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**. Fruto do Grupo de Trabalho de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, esta Revista tem por objetivo principal fazer circular os resultados de estudos e pesquisas sobre oralidade e cultura popular.

Este GT foi criado em 1985 e seus objetivos são, entre outros, promover a pesquisa em oralidade, possibilitar a reflexão sobre a poesia oral tradicional, as oralidades de vanguardas e as oralidades midiáticas, estudar a memória oral e suas relações com a identidade.

O título da revista é uma homenagem ao grande mito brasileiro do boitatá, mas não se trata de uma revista de folclore, apesar de, no Brasil, as fronteiras entre literatura oral e folclore serem muito estreitas. Seu título é mais uma metáfora da cobra grande como extensão da própria poética da voz que se envereda pelas matas, cidades e águas encantadas brasileiras. Segundo a pesquisadora Doralice Alcoforado, quem batizou o periódico com este nome, asinonímia do Mboitatá brasileiro é grande. “Batatão” no Norte e no Nordeste, “Boitatá”, “Bitatá”, “Batata”, “Baitatá”, no Sul. É “Biatatá” na Bahia. E citando Luís da Câmara Cascudo:

Uma das mais belas fábulas do Rio Grande do sul é a da Boitatá. Boi-tatá, cobra de fogo, foi, a princípio, Boi-guassu, cobra grande, jibóia ou boa. A lenda da Boi-guassu existe em todo Brasil, do norte ao sul; a Boi-guassu, quando houve o dilúvio, e sempre quando há inundações, a Boi-guassu, acordada pela enchente, entra a comer todos os outros animais. No sul, a tradição complicou-se; a Boi-guassu mata todos os animais, mas não os come inteiramente: come somente os olhos da carniça; tantos olhos devora, que fica cheia de luz de todos esses olhos: o seu corpo transforma-se em ajuntadas pupilas rutilantes, bola de chamas, clarão vivo, boi-tatá, cobra de fogo. (Câmara Cascudo. *Geografia dos mitos brasileiros*)

Assim, acreditamos que o título não poderia ser mais sugestivo, pois o leitor vai se deparar com artigos que versam sobre contos gauchescos, narrativas orais londrinenses, rap, histórias sobre o boitatá, reflexões sobre o cordel, o conto canônico e o conto popular, a pesquisa de campo e a construção da identidade nacional. O mosaico de estudos que constituímos aqui lembra um pouco as várias transformações do mito boitatá que passa de cobra grande à cobra de fogo. Logo, queremos demonstrar que as vozes poéticas estão sempre em transformação e que seus estudos e abordagens são extremamente importantes para a compreensão dos sujeitos que emprestam suas vozes à poesia. Ao entendermos um pouco destas outras vozes também compartilhamos da cultura, do imaginário e da fantasia de outras pessoas. É isso que a **Boitatá** deseja fazer circular!

Frederico Augusto Garcia Fernandes
Coordenador do GT de Literatura Oral e Popular